



Érico Hammarström

MEDULA

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2019



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA: Karina Tenório

REVISÃO: Marcio da Silva Granez

IMAGEM CAPA: Dominique Amaral de O.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H224m HAMMARSTRÖM, Êrico. 1995 –.
Medula / Êrico Hammarström – Guaratinguetá, SP:
Penalux, 2019.

104 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-525-6

1. Contos I. Título.

CDD: B869.3

Índice sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

COTIDIANO

“Todo dia ela faz tudo sempre igual”

– Chico Buarque –

Rememorar, por vezes, é preciso. E, quando o fado é tamanho, somos obrigados a sofrer as dores da memória. Reviver o passado é confiar em sua resistência física e psicológica, mesmo que sejamos duros e fortes. Falar do passado é enfadonho. Não se falando de dor apenas, pondo-se novamente ao local, reflexiva pena sobre o papel, fino faro de romancista, gula de saber um bocado mais; nada resiste a uma fotografia, ou a uma lembrança. Pensamentos saudosistas.

Não mais temo o passado? Não aprecio permanecer engessada e árida no mesmo lugar. As vozes do pretérito atordoam ainda hoje, depois de todo esse transcorrer de história. A vida transborda o odre do sumo dos vinhedos, e eu posso dizer que não faço mais do que desejo. Lembro, lembro para que eu ainda viva, e a vida em si me alimenta totalmente com o anseio de mais uma vez perder os sentidos, e ainda nesta página de papel, que tens nas mãos, demonstrarei, sem rancor, com medo, muito medo, medo de que o passado torne a habitar-me.

E se falar em termos arcaicos, muitos floreios sentimentais deste episódio da vida de um ente comum, é como prescrever placebo a um enfermo terminal. Maior temor não simplesmente do passado, mas daquilo que o passado possa alterar, o futuro; porém, deve-se agir com cuidado, zelo na palavra, e ainda

que se busque a umidade humana do verbo, contendo-me a usar dele de maneira lúcida, seca talvez, mas da realidade dos fatos, que mesmo com o transcorrer das horas, dias e meses, a memória pode estar fracionada.

Temores maiores e menores, vozes de minha lembrança sinalizam em sinapses nervosas meus neurônios, assim reagem minhas recordações, e, se realmente o pretérito se fizer presente e vier trazendo mudanças, que venham. Ouve-se o ruído de um galho em minha janela, é avançado da noite. O espectro de Ezra aproxima-se por detrás de mim, preparei-lhe a mesa, a cama nos chama, o vento prenuncia presságios; porém os galhos agitam-se facilmente, frondosas oliveiras.

“Meu corpo é tua morada, Lídia”, rememoro em minha mente saudosista.

Sem receio, hoje partilho conhecimentos primários, o passado tornará a habitar a minha sede. E ainda que eu não tenha condições físicas e psicológicas de passar noites insone e firme, descansarei poucas horas, e negociarei parcelas das quais me definirei como mulher, e como uma leiga principiando o caminho das letras.

A abstração constituída da memória, ainda que ela se faça presente, em tempos e tempos, continua, porém, manifesta em sua inexatidão, fragmentária e etérea, assim, com sua carga de sentidos, quando eles vêm bem. E mesmo que a memória esteja presente em minha vida, carregada ou não de sentidos, abstrata, etérea e fragmentária, em momentos essa mesma memória que me faz madura, quando eu poderia ser apenas uma qualquer, e essas memórias tornam-me uma aspirante em busca de um tema que me conforte. Mas essa narradora que fala através dessas páginas concretas, todavia ainda assim fragmentárias, posso dizer que escrever sobre o passado é árduo trabalho, pois brincamos conosco, e com outros, que são metamorfoseados de pessoas a personagens. Uma ficção em que o fio condutor, o

combustível locomotor, é a lembrança, e essa, de muitos anos. Brincar de lembrar virá a ser um desafio. Desafio esse que prefiro, por escolha própria, autoimposta, para narrar a crônica de meus dias idos.

Ao velejar pelo intelecto, agora, realmente sem medo algum, posso dizer que a tarefa de exorcizar a minha mente será ao mesmo tempo prazerosa e dolorida. Brincar com situações mal resolvidas, garimpar saudades, usufruir novamente a insânia primordial, que certamente teve parcela de minha angústia, de minha confluência para resolver algumas coisas. E mesmo que doloridas, essas coisas tornaram-se as minhas melhores companheiras: em inércia, o repouso; em movimento, a criação. Ouço o bulício do vento agitando um galho em minha janela. Repousada à cadeira confortavelmente, escrevendo esta proposta. E mesmo que o galho estilhaçasse o vidro, nada mudaria em minha estrutura emocional para com esse projeto; o sobressalto de um susto, a antítese de conforto físico em contanto com o desconforto emocional, desde que, em tanto tempo, tinha visto, pela primeira vez, Ezra, pouco saberia se estaria hoje em Alentejo, com nosso casal de gêmeos. Rememorar o princípio disso deve-se ao fato da afirmação intelectual do medo de que o que a cada dia que passa, passe novamente a acontecer, e assim sucessivamente.

— O que é isto?

— Simplesmente o vento a balançar galhos, miúda.

— Mas assusta, não é?

Peguei-a e sentei-a em meu colo, cantei-lhe cantigas de tempos remotos, e aos poucos fui acalmando o medo de minha pequena filha. Elisa tinha tamanho medo de vendavais. Ela aos poucos foi cerrando os olhos, e assim adormeceu, porém mesmo assim continuei cantarolando as minhas cantigas favoritas, até ela adormecer realmente. Isso não atrapalha o meu desejo, muito pelo contrário, estimula a minha criatividade, já que o

meu novo projeto se refere à memória, essas cantigas há muito estavam guardadas.

Ninava meu bebê, cantarolava, lembrava e não sentia o sono chegar, estava completamente desperta, em prumo de ainda produzir muito ao que a noite me propuser. Elisa amolecia em meu colo, em sono profundo. Guilherme não havia acordado, muito provavelmente deva estar já em sonos longínquos. Depositei um beijo em face de minha miúda, dizendo-lhe: “Nada vai lhe acontecer, meu doce”.

Simultaneamente ao que cantarolava, ouvia e acalmava minha bebê. Refletir sobre as inflamações da infância, a pequena idade, em que tudo não passava de divertimentos, correrias e brincadeiras, faz do ato memorialístico uma ode à vida toda, sem máscaras e sem receios, o medo do passado passa a gozo prazeroso. Mesmo quando a memória não transita em suas profundezas de toda a vida, ao menos um episódio — um ao menos — surge de sobressalto salvando mais um dia, e assim, como era o meu maior temor, passando-se a ser habitada pelo pretérito. Quando se puser a rememorar, que esse ato seja pura e simplesmente a tarefa do dia para este trabalho. Ser habitada pelo passado, mas não dominada por ele. Viver é precioso demais para ser perdido este tempo com passageiros momentos finados.

São horas da madrugada, Elisa já me veio indagar sobre o vento. Guilherme dorme quieto, em sua cama, e eu estou aqui, preocupada com o futuro e com o passado.

Eu prezo a inocência de meus filhos, a fragilidade perante mudanças, a saudade dos avós, lá no Brasil, assim como eu, havendo deixado toda uma vida para trás, tornando o nosso dia, o dia santo para o futuro, e a mim, agora, tão caros os momentos em que me ponho em frente ao notebook, e traço, linha a linha, meu memorial. Mas cabe a mim decidir o princípio do que quero contar e exorcizar de minha vida.

Do ponto de partida, foi dada a exposição da primeira reação orgânica à tarefa de escrever, o medo. Agora parto de outro aspecto, a necessidade. É muito necessário e caro a mim, como a minha família, o relato que vou expor, tanto como expurgo, quanto como prazer. A necessidade de limpeza, de re-visitação das memórias, para evitar e, também, entender tudo o que ocorreu, assim como uma mutilação coletiva. Espero que me entendam, que compreendam os motivos pelos quais traço a história nessa espécie de masoquismo.

Reações de medo e necessidade, que em mim caminham unidas, não são as únicas. E embora eu acredite que esta última seja um tanto egoísta, ou até mesmo deslocada, não vale muito? Fico muito em dúvida, e esta é a terceira reação, a dúvida. Se muito do medo tem-se a dúvida, e da necessidade idem, a minha dúvida muito mais vai ao ponto de saber exatamente as etapas de tudo o que eu contarei: o que é obsoleto, o que é imprescindível. E se fazendo uma, outra se liga a ela e assim sucessivamente *ad eternum*. Cavoucando rudemente os fundos da minha consciência, se realmente restabelecida, lampejos de lucidez naquela época obscura, quem dera eu ter a resposta às dúvidas, e mesmo que as tivesse, não creia.

A memória se torna uma figura bestial em contato com o medo, com a necessidade e com a dúvida, cabendo ao proprietário da recordação torná-la útil e prática, contornando o medo, observando a necessidade e duvidando da própria dúvida; assim, pelo menos, numa última quimera. Sabendo como no mundo vigoram os Versos Íntimos. A última quimera, pelo menos à última quimera que eu consiga a razão, que eu restabeleça minha lucidez, e que a grande onda que simboliza meus anseios e temores do passado, não venha em enxurrada e leve-me novamente aos porões da insânia total, e nebuloso meu futuro se torne.

Loucamente deposito meu crânio no travesseiro, porém o horário já avançado, tendo pela manhã de levar as crianças à escola. Guilherme estava deitado na cama, e sem acordar o miúdo, deito Elisa em sua cama.

A rotina mantinha-me apreensiva. Acordar, preparar o café, arrumar e levar os pequenos à escola. Acredito que, pela minha rotina, a parte mais prazerosa era passar o café. Sem medos de dizer, a rotina é massacrante. A rotina pode matar uma pessoa de loucura.

Já estava desacostumada dormir tão tarde, sendo que deveria acordar cedo e preparar tudo. Minha vida se mantinha nesses limites de horários e o relógio não perdoa. Muito embora eu ame meus filhos, eu necessitava nesse período de, por alguns meses, dedicar tempo ao meu trabalho. Mas toda a carga de responsabilidade de gerir o lar era minha.

Meus filhos agora estão em adaptação na escola. São reflexo da luta da mãe pela sobrevivência neste mundo hostil. São carinhosos e nutrem uma amizade gratificante para com quem os gerou. Guilherme tem um relacionamento muito mais ligado a mim, já Elisa é arredia, seria a garota do papai. Não é hora de pensar em favoritismo. Eles são pequenos e aos poucos estão criando suas identidades, a personalidade já se apresenta crescente em ambos. Mas ainda o que me prevalece nas horas que me vêm à mente é a doçura e pureza em seus olhares.

Falar do presente, em terra estrangeira, mas a honra de poder beijar o chão de Portugal é tamanha, e a sensação de singularidade em se estar vivendo em um sonho, como assim, de anos, e já se tem tempo que cá estamos, os gêmeos nasceram em Lisboa, agora vivemos neste sítio amplo e aconchegante, que é o Alentejo. Sinto-me dentro de um romance português, a ler Saramago e Eça, motivadores de meu ato presente, escrever.

E hoje não poderia ter sido diferente. Pensei ter acordado antes de todos e surpreendida com a movimentação do me-

nino, que já se mantinha em extrema agitação, Elisa ainda dormia tranquila. Ela sempre acordava em seu horário, e ficava enormemente carrancuda se a acordassem, tem por quem herdar o costume.

Estando o menino acordado, ajudo-o em sua higiene, agasalho-o bem, que já assim pela manhã fazia um bocado de frio, em torno de catorze graus, à noite ventou um tanto.

Mergulho em mim mesma, e rio pensando em como essas pequenas criaturas podem tornar a minha vida ao mesmo tempo um dever árduo e, também, uma gozosa aventura. Olho mais uma vez para o rosto de meu pequeno Gui — como costume chamá-lo.

— Queres comer, Gui? — pergunto a ele, e nesse mesmo momento eu percebo que já faltam quinze minutos para as oito horas da manhã.

Já eram horas de Elisa acordar. Saio da casa de banho, visto uma camisa preta e uma calça social, logo após calço um scarpin. Quando estava na universidade permanecia com meu cabelo curto, que desde a adolescência cultivava. Mas agora optei então por algo, assim dizer, ainda discreto, quando o término do curso se aproximava, deixei as madeixas crescerem, e como me é estranho fitar-me com longos cabelos.

Elisa abre a porta do quarto, já com o uniforme da escola, vai à casa de banho que fica no corredor em diagonal com meu escritório. Eu terminava a preparação do café da manhã, à espera dos dois.

— Bom dia, pequena!

No que ela me responde, pulando no corredor em minha direção, para que eu a pegue no colo, muito dengosa.

— Mamã, que dia é hoje? — e eu fico pensativa, pois ela sempre lembra questões importantes que minha memória falha. Que dia seria aquele? Era o meu aniversário.

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen bold 90 g/m², em junho de 2019.
